

João Severiano

(Trabalho lido em sessão de 30-IX-43 do Instituto de Geografia e História Militar, ao ser empossado na cadeira general dr. João Severiano da Fonseca.

Cap. Dr. CARLOS SUDÁ DE ANDRADE

Meus senhores :

João Severiano, patrono do Serviço de Saúde do Exército, viveu uma vida pura de arte.

Si a arte é a suprema exaltação dos sentidos que lampeja de gênio, aqui e ali, as criações humanas; si ela é esse privilégio de beleza que distingue na multidão as almas eleitas; si ela deriva do equilíbrio do cérebro e do coração, do talento e da bondade, essas duas forças criadoras que conduzem os homens; a arte é, na verdade, a beleza suprema de viver.

E a vida assim, fecunda, luminosa, ditada pela perene religiosidade da Moral e do Trabalho, pela harmonia de ser, tem a alegria de todas as claridades e o enlévo de todas as emoções.

Nem faltam a ela, os borrões da paisagem, nem a tormenta dos grandes lances dramáticos.

Sócrates teve, na cicuta, o ciclo do martírio!

Cristo, em Judas, o perjúrio da Ingratidão!

Os homens só não são deuses porque não vivem nessa constante exaltação de arte.

Mas em cada um de nós, no pélagos de cada ser, inda o mais indiferente, há sempre um instante em que somos deuses, como haverá muitos instantes em que seremos demônios, loucos e malditos.

Esse instante, êsse relâmpago de gênio, essa fugace clarividência é o instante em que nós, mansamente, sentimos a beleza suprema de viver.

Todas as filosofias, todas as leis morais, todos os preconceitos sociais, todo o cerebralismo da humanidade, não puderam, por isso talvez, arrastar o homem do seu palco natural: — a Natureza que é obra darte suprema.

A música, a pintura, a eloquência, a ciência, a moral são partes da Beleza Eterna de que os homens recebem indistintamente os efluvios e que alguns — os eleitos, transformam em força plástica cuja ação criadora exalta os sentidos, a admiração, o entusiasmo e a sabedoria do grupo social.

Êsses criadores de beleza são os seus guias. A grande massa é a mediocracia que por êles se deixa dirigir ou arrebatado em delírios inconcientes! Êles se agitam como estrelas faiscantes destacadas no pano escuro da noite! Não envelhecem nem se desmentem, porque a inteligência não tem idade e a verdade não tem matizes.

Vivem como Platão, e quando morrem os seus nomes são para as gerações que se sucedem o extenal do exemplo, a eucaristia em que elas vão haurir sabedoria e paradigmas de verdade e de beleza, tal como João Severiano cuja vida luminosa constitue para o Serviço de Saúde do Exército o modelo perfeito do médico militar.

O HOMEM FELIZ

Meus Senhores:

✓ O elogio do general Dr. João Severiano da Fonseca, cujo nome crisma uma cadeira dêste egrégio instituto de ciências e de letras do glorioso Exército brasileiro, ressalta por si mesmo, como a luz do sol, da sua agigantada bagagem científica e literária.

E si ela não valesse, da sua própria vida utilíssima, cheia dêsse senso filosófico de equilíbrio moral que o sagrou, entre os homens de seu tempo e de seu meio, como um varão ilustre a quem não faltaram essas virtudes sereníssimas, tecidas pelas mãos das fadas benfazejas, e que nimbam a frente dos justos e dos eleitos: — a modéstia e a bondade!

Médico, soldado, escritor, poeta, geógrafo, professor, político, e historiador, os seus livros vivem ainda como mananciais riquíssimos de conhecimentos e de beleza, entre os quais, destacam-se “Viagem ao redor do Brasil”, “Da modéstia em geral”, sua tese de doutoramento e a célebre “Oração”, por êle proferida como orador oficial da Academia de Medicina, perante D. Pedro II, e na qual, sem querer e talvez obedecendo àquele impulso instintivo de subconsciência, êle retrata, falando da missão do médico, o perfil da sua própria personalidade: — “Si na sabedoria se exercita o discernimento entre o Bem e o Mal, se na paz da consciência está a suma do verdadeiro prazer, o médico digno dêsse nome tem no seu coração de homem sábio e justo, um trono, onde a ciência e a consciência, isto é, a sabedoria, imperam com majestosa doçura sôbre todas as faculdades da alma: — êle, o médico digno dêsse nome, é um homem feliz”!

E a felicidade não é, meus senhores, uma forma de beleza?!

O paradoxo de Wilde de que a natureza copia a arte, é mais do que uma mentira; é uma injúria e um sarcasmo. A felicidade é uma força espiritual que emana da beleza, da bondade, da justiça e da verdade; para mim os quatro pontos cardiais em que se assenta, toda inteira, a estética da vida humana!

Si a felicidade é essa essência divina e misteriosa que não cabe, às vezes no Mundo e que se agasalha, a miude, toda inteira, no escrínio de um simples coração, então é porque ela resume, na opulência ou na modéstia, entre os hinos da glória, ou entre os sussurros da prece, aquele instante em que o homem se encontra consigo mesmo, no êxtase de viver!

O ESPÍRITO DE BRASILIDADE

João Severiano foi um homem feliz, e por isso viveu uma vida pura de arte!

Na obra literária e científica do patrono do Serviço de Saúde, há um traço preponderante que é o dominador comum da sua grande vida de brasileiro e de soldado: — o sentido de brasilidade!

Águas, terras, céus, raças que se cruzam na aleluia das primeiras miscegenisações, nesta gigantesca cardeioide geográfica que é a nossa Pátria, tiveram da sua observação meticulosa, o crivo do estudo e da advertência lúcida e sistemática.

Nunca se estudou, detidamente, "Viagem ao redor do Brasil". Ela e os "Sertões" de Euclides, são quase irmãos gêmeos que escalpelaram aos olhos atônitos dos brasileiros, as verdades tristes que queimam como fogo mas que constróem e purificam porque nasceram da sinceridade e da bravura cívica de dois grandes patriotas!

Se mostram mazelas, afirmam também, em que pese a Gobe-neau, com a sua teoria pessimista de não ser possível uma civilização sob o Trópico, a capacidade criadora dêsse povo que desponta das suas matrizes eugênicas, revelando-se ao Mundo e criando no panorama social, uma cultura própria, objetivada, nas próprias reservas bio-dinâmicas e na seiva forte do seu idealismo e do seu candente amor à Liberdade.

Há, em "Viagem ao redor do Brasil", observações do médico, do geógrafo, do botânico, do paleontologista e, sobretudo, do pensador equilibrado que, naqueles dias ainda incertos da nacionalidade, incertos pelo sentido sociológico, traçava rumos e estabelecia equações econômico-sociais pelas quais anteviu o extraordinário e surpreendente progresso atual do Brasil.

O POETA

Seu estilo, suas afirmações ousadas e impregnadas de amplo e polimórfico sentido de curiosidade, descrevendo, como um garimpeiro audaz, as grupiáras, os rincões ignotos, as dobras evolutivas da terra, os segredos, os mistérios, as lendas, o homem, as riquezas quase desconhecidas de Mato Grosso, de Goiaz, do Amazonas, não perderam nunca o espírito de humanismo e aquela suave expressão de beleza literária que, revelando o escritor, trae, a cada instante, o enamorado das musas.

Na verdade, o cientista, o sociólogo, o político, o geógrafo e o soldado são faces austeras que mal escondem, nos seus reflexos prismáticos, o colorido poético da sua inquieta sensibilidade. A sua alma de artista é um hino potencial. Talvez lhe faltassem as galas da poesia plástica. Talvez todo êsse mundo de cores e de sons que se lhe agitava nas veias, buscasse, ansioso, a música da inspiração para se exteriorisar em cascatas de luz e de belezas pintóricas. Mas, não há negar que o verso, aquí e aí, em todas as passagens do seu

labor, como uma abelha tonta e teimosa, inda que insegura do vôo, enchia de matinas e doirava de mel, as âncias do seu espírito e os impulsos e os devaneios do seu generoso coração.

Nem sempre o bardo sabe cantar e nem sempre a poesia é a poética musicada.

O cenário, a mímica, a emoção, o riso da criança, a flor, o beio da mulher, a lágrima, o palor da lua, a quietude dos ocasos, a mocidade, a bravura, a caridade, todas essas sutís manifestações de beleza das coisas e dos seres são as obras poéticas instintivas da Natureza.

Felizes dos homens que as compreendem; mais felizes ainda dos que recebem de Deus a graça suprema de interpretá-las, pelo gesto, pelo som, pela côr, pela forma, como feiticeiros perdularios da suprema beleza!

João Severiano era dêsses eleitos.

FALA FELIX PACHECO

“Burilando a prosa, diz Felix Pacheco, como legítimo escritor, com a perfeição luzidia dos seixos rolados, a própria poesia não lhe deve ser de modo nenhum esquiva, nem se compreenderia que o fosse, pois as musas nunca deixam de requestrar por todos os meios aos que são dessa estirpe multiforme e complexa”.

E acrescenta ainda Felix Pacheco: — “Claro que uma alma assim formada não podia deixar de ter bem assentada, lá muito dentro de si mesma, o seu cunho indisfarçável de poesia”.

“É o sentimento inato da poesia que nessas ocasiões, como aliás sempre e em tudo mais ressalva o decoro das situações penosas que possam sobrevir e compõe a linha moral superior dos eventos que surgem”.

“O Dr. João Severiano soube encarnar com excelsitude, no meio do sossôbro irreparável da Corôa, o pensamento generoso, idealista e justiceiro do Brasil”.

“É que êle não era só um soldado e um médico que houvesse embotado o coração no desencanto inevitável das realizações abruptas da terra. Ao contrário, conservara e cultivara a vida inteira, no fundo do peito, a expressiva flor da bondade e do sonho, cuja fragância eterna tanto enobrece e alevanta a espécie humana, garan-

tindo, a todo o instante, a vitória das forças interiores contra as negações sem alma e os exageros e violências do ódio". "Não era crível que um general, forrado de tão belos sentimentos, não soubesse poetar".

Somente a ode emocionante dedicada a seu irmão Eduardo, morto gloriosamente na batalha de Itororó, entre tantas e tantas outras poesias, assegurava o título de poeta a êsse homem dedicado, às especulações da ciência positiva.

Positiva!, sê-lo-á mesmo?! Si a própria ciência é essa inquieta verdade que amanhã desdiz, leviana como as musas, o que afirmára, na véspera, como um dogma!...

O PODER DO REI

Outro aspecto curioso da obra de João Severiano é o seu entusiasmo aos homens e às coisas do Sul do País, sendo êle, um autêntico nortista das Alagoas, um "baiano", cuja voz, cujos gestos, cujos hábitos lembravam o filho audaz e desempenado, quase, direi, "largado" das coxilhas riograndenses: — o acampamento glorioso e permanente da Pátria!

Na verdade, há uma identificação bem mais íntima do que se supõe entre o homem do Norte e o homem do Sul. Não os distinguem o engenho e a estância, como afirmou Severino Sombra, o brilhante sociólogo patricio. Tanto um como outra, como formas gregárias de psico-fixação, têm a mesma fôrça centrípeta e alimentaram na aurora da nacionalidade, os mesmos sentimentos nativistas e democratas do homem brasileiro.

Nem, também, o decantado poder do Rei que ainda Severiano Sombra proclama como o único fator sociológico de agregação nacional no Sul, merece ser lembrado como traço característico de diferenciação que nunca houve e nem há, entre as gentes dos paralelos brasileiros!

A bravura de um e a coragem leonina de outro; a voz da guitarra e o gemido colorido da viola, o engenho e a estância, antes se completam nos pequenos detalhes psicológicos, cujas origens vêm da mesma herança comum, o lusitano; antes se completam que se distanciam por caracteres diversos. Não foi propriamente o poder do Rei, o fator sociológico da Unidade Nacional, nos Pampas.

Há um fato psicológico, mas sutil, nem por isso menos apreciável que, a meu ver, plasmou o espírito irrequieto e belicoso do gaúcho: — O ódio velho de velhos irmãos irreconciliáveis: — O espanhol e o português que o trasladaram para o palco verde do Novo Mundo e aqui o alimentaram, no sangue das primeiras gerações crioulas.

Ambos, português e espanhol, têm o espírito gregário acentuado. Sua Pátria é a terra rebentando em flores, em frutos, ao som dos regatos sussurrantes.

Cortez, no México, é um exemplo insofismável. Insaciáveis de latifúndios, de lonjuras verdes, primitivas, todo sangue deles se lhes agitava nas veias cantando a Marselheza da Conquista.

PORTUGUESES E ESPANHOIS

Senhores do Novo Mundo, mais orgulho tinham de fazê-lo somente espanhol ou português, pelo épico do feito, pela vaidade de dilatarem-se a si mesmo, em alargar pelo Universo a glória de ser espanhol ou de ser português, do que em conquistar terras e perseguir tribus ameríndias em nome de um Rei que êles, um e outro, sabiam ter sôbre si, largados no outro lado do mundo, uma autoridade relativa. O Atlântico era então, grande de mais para não deixar de enfraquecer a autoridade de todos os Reis e o poder de todos os Impérios. As caravelas dos Corsários, as corvetas dos piratas, valiam mais no Oceano imenso e desconhecido que todas as corôas dos Reis.

O próprio tratado de Tordesilhas nada mais é que uma concordata, um jogo de parar, no delírio patriótico dêsses dois orgulhos raciais que se mediam, num cenário ciclópico, em progressão aritmética. No Sul, nas ribanceiras do rio da Prata, êles se encontraram e mediram fôrças novamente. Os visigodos da Ibéria, e os pastores de Viriato, outra vez, na história eriçaram as lanças inimigas e, outra vez, deflagaram, no íntimo do ser, o velho orgulho hereditário de ser português ou de ser espanhol. As bandeiras que hastearam foram por certo as mesmas que trouxeram nas suas náus da aventura ultra-marinha. Foram as bandeiras do Rei. Mas o calor que as fazia vibrar, êsse nascia do velho ódio imortal que se parou, séculos atraz, pelo espinhaço da Serra da Estrela, as duas tribus rivais. No Norte pouco, muito pouco, o espanhol se infiltrou e

a não ser a aventura dos holandeses e dos franceses prontamente repelida, não encontram os portugueses, rivais na dominação!

Daí, mais tranquilos, mais agrários os filhos do Norte, ao contrário dos seus irmãos do Sul, aos quais somente o pastoreio era permitido naquela irrequieta contra-dança das lides fronteiriças.

O poder do Rei, era neles, portanto, um sentido orgânico de gregarismo, de auto-defesa, de posse pelo preço de todos os sacrifícios e de todas as cobiças!

A alma do homem é ainda um laboratório de maravilhosos segredos. Antes do homem social, há o homem biológico que se afirma porque é o homem, com ou sem Rei, com ou sem bandeira! Desperte-se o "baiano" dos engenhos e temos os dois Guararapes e toda a arrancada espartana de Pirajá e D. Cabrito. Tal qual os arremessos da peionada do Rio Grande nos tempos heróicos das missões!

O ENGENHO E A ESTÂNCIA

O engenho, com os canaviais e a estância, com os rebanhos ao Deus dará, soltos no lombo simétrico das coxilhas, têm, na verdade, a mesma alma, o mesmo sentido psicológico, revelado, de resto, no folclore que é, como aquelas anônimas flores dos campos, que nascem iguais, desrespeitando os climas e as alturas, por um mistério da criação, no Norte ou no Sul, no Leste e no Oeste do Brasil! Quem não as têm encontrado!! O homem foi e será sempre o escravo de sangue da terra-Natal. A fragância das primeiras flores aspiradas, o calor dos primeiros beijos maternos, o gorgueio dos pássaros nativos, a inquietação dos primeiros folguedos, a doçura dos primeiros frutos saboreados na garrudice da infância plasmam na alma nascente do homem um penhor que não se resgata nunca, e um amor que não morrerá jamais. Filho de todos os anceios mesológicos, de todas as tentações misteriosas do cenário, da rosa aveludada, do verso candente, da terra húmida de desejos das estrelas reluzentes, dos luars românticos, de todas essas sutís solicitações da natureza para o amor; filho siderado de dois corações que se harmonizam na missa de um beijo, o homem é o reflexo de todas as coisas, de todas as forças ambientes da terra natal. E a terra brasileira pouco varia nas suas entranhas quaternárias para gerar homens diferentes!

A consciência do grupo é que varia às vezes, pelo império das circunstâncias sociais. Mas o homem brasileiro mantém-se imutável, nas suas propriedades psíquicas. Capaz de todos mimetismos, mesmo somáticos, as suas faculdades espirituais e sentimentais são sempre, entretanto, iguais a si mesmos porque vindas de origens comuns!

A prova provada dessa identificação entre nortistas e gauchos, está mesmo nesta adaptação de João Severiano aos usos e costumes do Sul, a tal ponto que, se não fora o seu tipo físico atarracado de alagoano, não se perceberia que êle era um dos "sete Macchabeus" de D. Rosa da Fonseca, aquela maravilhosa matrona que festejava, com luminarias, na casa senhorial, a morte de seus filhos varões na frente da batalha!

Já aprendemos demais para que nos baste a história cronológica. Ela se nos assemelha um museu de cêra! Frias, inertes, coloridos por certo; nada mais sem vida, nada mais da morte que essas estátuas enfileiradas que os nossos olhos contemplam com infinita piedade, um instintivo desdem, e, porque não dizê-lo, com um vago e secreto sentimento de nostalgia e de medo! O Passado não é uma religião, nem um escrínio de recordações. O passado é uma ciência, uma filosofia, uma escola ativa, na qual, nos vemos sempre, crescendo e progredindo, das origens do Mundo, da palafita como uma caudal que se visse, nascendo, do humilde regato sussurrante!

CONCEITO DE DATA

Tudo no Universo tem uma razão de ser. Sentí-la é que constitue o privilégio da inteligência!

Sentí-la e interpretá-la, eis a História verdadeira!

E é por isso que, sem paradoxo, pode haver História sem datas e sem números!

A história é a tecedeira invizível, que noite e dia, sem descanso, vai compondo anonimamente a sua toalha rendada. De raro em raro, mostra aos olhos do mundo, a prenda do seu infatigável labor: — eis a data! Concatená-las, compreende-lhes o sentido evolutivo, aperceber-se do seu segrêdo de relação; sentir a sua razão de ser, acima dos homens, que lhes são méros instrumentos, malgrado o

seu orgulho criador, eis a psicanálise, ou melhor, a História analítica, do Mundo!

Todos os fatos históricos têm, pois, uma significação relativa. É preciso vê-los, além de si mesmos, para não incidirmos em erros, às vezes, grosseiros e imperdoáveis!

No quadro brasileiro, tudo há por aprender, malgrado, esses beneditinos prescrutadores de datas, os Varnhagens, os Rocha Pombo, que andaram e andam curiosos, pelos arquivos, a descobrir as origens e as reminiscências da vida nacional! Outra lanterna de Diógenes deve-lhes iluminar as romarias histórias!

O óleo santo dessa nova luz é a psicologia das multidões, digo melhor, a psicanálise!

Por ela, compreendemos o fenômeno evolutivo do nosso grupo social, desde aquela carta de Pero Vaz Caminha, desde aquela missa de Frei Henrique de Coimbra!

O CICLO DE GETULIO VARGAS

Daí sentimos melhor e nitidamente, o climax dessa rajada de civismo e de brasilidade que galvanizou uniformemente toda a Pátria sob o ciclo de Getulio Vargas, o brasileiro visionário que, na esfera política, primeiro compreendeu, a meu ver, êsse fenômeno psicológico nutriz e unificador do nosso grupo social.

UM DOS SETE MACCHABEUS

Meus Senhores!

Singular é a personalidade do General Dr. João Severiano da Fonseca, que recebeu a consagração unânime para patrono do Serviço de Saúde do Exército em um pleito memorável.

Nascido na legendária cidade das Alagôas, de uma estirpe de guerreiros, tornou-se, quase adolescente ainda, médico ilustre, por marcada inclinação espiritual.

O BRASIL É UNO

O Brasil, longe de ser um milagre sociológico pela Unidade Moral e Cívica de seu povo, espalhado numa das maiores vastidões da terra, como afirmavam os que não o conheciam e não o compreendiam; o Brasil é, e será sempre lógica e naturalmente, o resultado do equilíbrio dessas razões psicológicas que antecedem, na análise bio-dinâmica aos fatores históricos e sociológicos! A história tem também a sua psicanálise, que, na verdade, é a própria História.

As datas, os números, os fatos desenrolados na ribalta universal, concatenados por certo na cronologia, constituem apenas a noção do tempo e a fria descrição panorâmica dos acontecimentos humanos. Essa História não é aquela que a inteligência prescruta como ensinamento, ciência, alma e nervos das ações que tangem os homens, como secretas forças criadoras, ou, mais modestamente, transformadoras do fenômeno social que, de resto, é a própria vida universal.

UM CONCEITO NOVO DE HISTÓRIA

Taine, descrevendo, por exemplo, a Revolução Francesa, foi, por certo, insuperável como narrador fidelíssimo daquela arena agitada onde só vislumbrou crimes, salteadores, párias, ódios e ambições desenfreadas de almas tintas de sangue e corrompidas de delírios messiânicos. Não viu, entretanto, como muito bem salientou Gustavo Le Bon, que toda aquela coórte sangrenta, todo aquele inferno, aquela fervedura de paixões se alimentava de um pão novo, invizível como a fé que se concretisa na alma branca da hóstia, pão do espírito libertado, o ideal da Democracia Universal!

Pelo bem dela, os homens e as mulheres eriçando os chulos e a guilhotina, matando como carnicheiros inconcientes, construíram um novo conceito de vida, para que a Humanidade desse um passo a mais, na sua acidentada evolução! Foram antes fantoches do Destino que agentes autoditadas!

Taine não sentiu o fenômeno social nem se apercebeu das razões psicológicas que, se descarregaram como o raio, naquele quadro perturbador e alucinante, aparentemente monstruoso e sem lógica. Não fez psicanálise, nem sequer prescrutou o encadeado dos motivos sociológicos que o eclosaram. Serviu à História?

Antes a desserviuiu, porque nos legou uma fria narrativa na qual não soube ou pôde interpretar a relação entre a causa e o efeito.

A PSICANALISE

O historiógrafo passou da moda. Depois da Arqueologia, da Paleontologia, da Sociologia e, sobretudo, da psicologia profunda, o fato social não é apenas uma data que se regista como se regista um número, num caderno de notas. Ela tem uma alma. Ela possui um motivo secreto, ela apresenta uma lógica imutável, ela deriva de uma razão irradiante, imperativa, ela é, sobretudo, um resultado, um efeito matemático cujas origens vêm do mais íntimo do ser e se polarisa ora sutil, ora fragorosamente, encadeiada invizivelmente, numa sequência misteriosa, pelo Destino, o árbitro supremo dos homens!

Dos filhos homens de D. Rosa da Fonseca — era o único que se desviára daquele candente entusiasmo pela carreira militar. Um após outro, os seus irmãos iam vestindo a farda de soldado, com a qual depois, no campo da honra sagravam para a pátria o signo glorioso que é a legenda espartana dos Fonseca.

E o jovem médico não quis ou não pôde fugir ao destino de também vesti-la, para honrá-la igualmente, constelando-a de luz com os salpicos de sangue das feridas jorrantes que pensou no arremesso das batalhas. Era a graça, a suprema graça com que Deus nimbou D. Rosa, roubando-lhe para a Pátria, todos os filhos varões. Apesar de médico ou por isso mesmo, João Severiano foi, um dos “sete Macchabeus”. Hoje o seu nome é para o Serviço de Saúde um símbolo vivo e galhardo que lembra por si mesmo as virtudes paradigmas do médico militar.

Nasceu a 27 de Maio de 1836, do consórcio do tenente-coronel Manoel Mendes da Fonseca com Dona Rosa Paulina da Fonseca.

O MÉDICO DO EXÉRCITO

João Severiano, o sétimo dos Fonseca, estudou medicina na Faculdade do Rio, assentando praça no Corpo de Saúde do Exército, em 29 de Janeiro de 1862, como 2.º cirurgião.

Já era, por essa época, condecorado com o hábito de cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa, pela relevância de seus serviços altruísticos, quando ainda estudante, na terrível epidemia de cólera-morbus que assolou o Rio de Janeiro em 1854.

Sua primeira comissão militar foi num corpo de tropa na guarnição da Côrte, passando depois para a Escola Militar de aplicação do Exército e o Hospital Militar.

Quase três anos depois, estava no gozo duma licença para tratamento de saúde, quando, surge, com a missão Saraiva, o incidente bélico com a República Oriental do Uruguai.

Ansioso para tomar parte nessa campanha desiste espontaneamente do resto da licença, partindo para aquele destino em 15 de Dezembro de 1864.

Este ato, de verdadeiro soldado e de cidadão conciente dos seus deveres cívicos mereceu-lhe honroso elogio do Ministro da Guerra.

Começara, então, o ciclo glorioso da sua vida de serviços à Pátria.

AS CAMPANHAS

Por longos e ininterruptos sete anos, dia a dia vividos na estacada das ações de guerra, sem tréguas para o médico militar, enche-se a sua refulgente fé de officio de elogiosos assentamentos nas campanhas do Uruguai e principalmente, a seguir, na guerra do Paraguai.

Páginas e páginas do enorme 3.º Livro Mestre do Corpo de Saúde do Exército atestam, na singela narrativa da linguagem official, a imensidade do seu labor profissional de guerra.

Citações, elogios, louvores dos seus chefes, anotações de graças honoríficas, toda uma vida trepidante se espelha, para os próximos daquelas páginas em cursivo.

Inúmeras foram as batalhas, inúmeros foram os sacrifícios, nas marchas penosas, nos assédios perigosos, nos acampamentos improvisados, em que João Severiano tomou parte, sem descanso de um instante.

Osorio, o centáuro do Brasil, elogiou-o em plena batalha, entusiasmado pela correção daquele silencioso e desprendido capitão-médico que enfrentava a morte serenamente para salvar a vida dos camaradas que tombavam.

Vemô-lo, depois, em Assunção, a renovar os seus uniformes militares, já tão consumidos pela ação do tempo e pelas réfregas de mil penares.

O soldado se lembra então do artista, talvez do poeta, ao enfeitar, depois da luta cruenta, o peito marcial com as medalhas de Cavaleiro da Ordem Imperial de Rosa, de Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro, do oficialato da Ordem S. Bento de Aviz, das campanhas do Uruguai e do Paraguai.

ATIVIDADES DE TEMPO DE PAZ

Em Dezembro de 1871, volta João Severiano para o seu velho e conhecido hospital militar da Côrte, — o lugar mais disputado de então e de todo o de maior realce técnico.

A patina da guerra é a auréola que nimba, além de tantos outros predicados de espírito e de coração, a sua já marcante personalidade! Três anos depois, posto à disposição do Ministério dos Estrangeiros, afim de fazer parte da comissão de limites entre o Brasil e a Bolívia, deixa a Côrte, rumo ao Oeste, donde nos trouxe um livro autêntico: — “Viagem ao Redor do Brasil”.

“No itinerário de subida de sua volta redonda à quase todo o Brasil, como diz êle mesmo no fecho da sua obra, tive oportunidade de rever as terras ribeirinhas do Rio Paraguai. Quantas recordações, umas doces e agradáveis, outras extremamente amargas nos desperta a vista dêsses lugares, cenário outrora de tantas emoções, perigos e glórias, nessa imensa e cruenta epopéia que se chamou *guerra do Paraguai*”.

A BAGAGEM CIENTÍFICA E LITERÁRIA

Regressando da fronteira boliviana, João Severiano retoma, mais uma vez, o seu antigo lugar de 1.º Cirurgião do Hospital Militar, no morro do Castelo, do qual, em Março de 1890, foi diretor modelar.

Já amadurecido pela idade e pelo estudo, saem-lhe da pena, outros livros magníficos: — “A Gruta do Inferno da Província de Mato Grosso”, os “Brazões da cidade de Mato Grosso”, os “Índios do Guaporé”, “Climatologia de Mato Grosso”, “Origem das sociedades de estudo”, “Raças e Povos, suas origens, afinidades, identidades e distinções”, “Sôbre o celibato clerical e religioso”, “Novas investigações sôbre Mato Grosso”, “Dicionário Geográfico da Província de Mato Grosso”, “Dicionário de Brasileirismos” e o “Diário da Campanha do Paraguai”.

Seu nome ilustre abriu-lhe as portas da Academia Imperial de Medicina, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, das Sociedades de Geografia de Lisboa, Lima e Madrid, e do Instituto Arqueológico Alagoano.

O Instituto de França concedeu-lhe as palmas de oficial.

UM GESTO INVULGAR

Homem de atitudes claras e incisivas, toda a vida de João Severiano de disciplina conciente e de acentuado amor à sua classe e ao Brasil. A altivez do seu caráter sem jaça fê-lo personagem central da memorável sessão de 29 de Novembro de 1889 do Instituto Histórico, a primeira que se realisava após a Proclamação da República e na qual pronunciou essas palavras severas: — “Eu me levanto aqui solenemente, para pedir ao Instituto que no meio dos seus arroubos pelos esplendores da Mãe-Pátria, não se esqueça da gratidão que deve àquele (referia-se ao Imperador D. Pedro II), que foi um protetor e pai e que nesta hora, marcha para o exílio”!

O regime republicano veio encontrá-lo na cadeira de professor de ciências naturais do Colégio Militar, onde lecionava, sem prejuízo de suas funções no Corpo de Saúde, desde 1887.

O POLÍTICO

Um ano após a proclamação, ei-lo, general médico, chefe do seu quadro, para deixá-lo logo depois, afim de assumir na Constituinte, a cadeira de Senador pelo Distrito Federal.

A Política, a cortezá de mil amantes cavilosos, pouco soube prendê-lo nos seus braços. Signatário do manifesto dos 13 generais, Floriano o reformou. General médico, escritor erudito poeta, político de desassombradas atitudes professor, historiador, homem boníssimo, a sua figura moral tem o relêvo de um varão de Plutarco.

UMA SÍNTESE PSICOLÓGICA

Difícil fazer dessa vida gloriosa e poliforma uma síntese psicológica.

O erudito dos Fonseca, o soldado das campanhas do Sul, o escritor e o sociólogo, o médico fascinante, o homem público fazem da sua personalidade de escol, um mosaico surpreendente que dificulta, ou digo melhor, facilita a análise da sua vida, tão intensamente vivida!

O PATRONO DO SERVIÇO DE SAÚDE

E foi por isso que o Serviço de Saúde do Exército foi buscá-lo, do nimbo do Passado, para alcandorá-lo em pleito memorável na investidura de seu Patrono, como símbolo do médico militar.

Sabemos bem quanto temos de honrá-lo e quanto temos de trabalhar para não desmerecer do brilho fulgurante da nossa Estrela-Guia!

O LABOR DO MÉDICO NO BRASIL

Meus senhores!

A história das sociedades humanas é, em última análise, como mostrou Wells, uma aventura do homem através do espaço e do tempo. Mas a aventura do homem brasileiro constitue qualquer coisa de surpreendente e de milagroso.

Há, sem dúvida, no Brasil como em quase todos os países, graves problemas de saúde pública, de assistência social, de pauperismo que exigem estudo e solução do Estado.

Mas êsse é o quadro social geral, em equação permanente.

Para se avaliar a extraordinária tarefa de saneamento do Brasil, e do enriquecimento e recuperação para o trabalho do homem, entregue a todas as endemias e flagelos sociais da *Doença*, basta olhar o mapa da nossa terra.

É mais que um país, é um mundo.

É um mundo novo, erguido quase de improviso, sem vias de comunicação suficientes, sem meios para realizar prontamente uma assistência social necessária a todos êsses mil e um núcleos de aglutinação humana, disseminados, como estrelas perdidas, nesta vastidão semi-virgem de cordilheiras altíssimas, de rios-mares, de florestas primitivas de "caatingas" inacessíveis, de desertos escaldantes, de vales profundos, de litorais imensos. Todos os climas, todas as latitudes, todas as raças, todos os costumes; mas tudo isso, unido, pela mesma língua, pela mesma religião, pela mesma bandeira e pelo mesmo sentido de nacionalidade e de Pátria! É, na verdade, uma tarefa de titã!

Mas o brasileiro a fez, a está fazendo, malgrado todos os óbices, a escassez de recursos e de todas as dificuldades, advindas das longitudes colossais!

RUMO AO OESTE

Hoje sentimos, na verdade, que o brasileiro despertou dêsse longo sonho de ufanismo que o entontece há quatro séculos! Basta de verdes mares bravios, de tesouros encantados, de miragens feitiçeras que lhe faziam crer que até o pó dos caminhos era poeira dourada!

Hoje êle volve as vistas, novamente, para as planícies e para os vales rumorejantes do interior. O lirismo ideológico que precipitou, antes de tempo, a cristalização do nosso evolucionismo político, já não se alenta, exclusivamente, ao marulho das vagas atlânticas. Já não houve só as impressões alienígenas e os ditirambos do aticismo fascinador!

Ouve, escuta, também, a voz trepidante e cabocla que canta, nas frondes verdes das florestas, na ânsia branca e vertiginosa das cachoeiras, na harmonia geométrica das searas, os anseios palpitantes da realidade brasileira.

Esse fenômeno é o sentido verdadeiro da brasilidade que o Estado Nacional sintetizou na fórmula promissora do Rumo ao Oeste e do discurso do Amazonas.

A TAREFA DO EXÉRCITO

Dentro, do Exército, — o grande mudo, mas também o grande artifice do civismo e da grandeza da Pátria, — tem o Serviço de Saúde, a sua parcela de trabalho e de candente vigília.

É de ver-se a tarefa redentora do médico regimental, fazendo nos recrutas e conscritos, a profilaxia sistemática das moléstias infecciosas, vacinando contra a varíola, o tifo, a febre amarela e as desintérias; curando as verminoses, o impaludismo, as moléstias venéreas e as evitando, numa rigorosa polícia sanitária.

A educação física, a vida higiênica e movimentada a que está sujeito o recruta, o vai transformando, pouco a pouco, no soldado sadio e apto, capaz de, depois, no seu retôrno à vida civil, se transmutar, conscientemente, pela evidência do exemplo em que se encarna, no maior e espontâneo propagandista da ação benfazeja da caserna.

Essa cruzada que enche de orgulho o Exército inteiro, é o melhor prêmio para o médico militar que, como Pigmalião, se apaixonou pela sua obra magnífica de civismo criador e de vitalidade promissora!

Ele é o continuador, numa doutrina mais uniforme de eugenia, daquele apostolado de renúncia do modesto, o anônimo mas infatigável batalhador: — o médico rural cujo monumento devia ser erguido em praça pública, pelo muito que sofre e realiza, pela sua Pátria e pela sua gente!

O MÉDICO DA RAÇA

O Exército abre ainda no seio bruto dos sertões, as tendas da sua missão de bandeirante.

São verdadeiras colônias militares que educam, curam, civilizam as populações perdidas que, lá, pirilampeiam, o gênio adormecido da raça!

Reivindico, pois, para o médico militar, neste instante em que fato, e nunca falei de tão alto e para longe, o título que lhe pertence pelo seu labor de silencioso obreiro da grandeza da Nação: — O médico da Raça!

EVOCACÃO

Meus Senhores!

Na cadeira de João Severiano tão cheia de responsabilidades viestes hoje assentar o modesto capitão médico que mal domina o seu assombro pela vossa magnanidade e a incompreendida e esbanjadora confiança de que dais prova generosa.

A mocidade tem, entretanto, arroubos que não se explicam senão pela incompreensão da responsabilidade que assume, confiada cegamente no porvir. Trepida e marcha porque é sã de espírito e de corpo e enamorada das estrelas, cuida que, algum dia, há de também senti-las entre as mãos, somente com o fogo da sua fé e a crença da sua paixão!

Permití, então, que eu me ufane desta gloriosa vitória e das galas desta festa, eu faça um ramalhete de flores, bem vivas e bem rubras, para ir, em romaria votiva, depositá-las, como uma piedosa e sincera homenagem do meu respeito e da minha gratidão, numa campa solitária onde dorme um velhinho de cabelos brancos a quem devo, além da vida pelo muito que fez por mim, êste instante magnífico da minha ascensão intelectual: — Meu Pail



